

**RELATO DA OFICINA DO NÚCLEO PERMANENTE DE LEITURA
PROJETO JUR NA ESCOLA JOÃO UBALDO RIBEIRO: QUANDO OS
ESTUDOS LITERÁRIOS VÃO À SALA DE AULA**

Adeíto Manoel Pinho¹

Resumo: O nosso crítico maior Antonio Candido afirma que é da sala de aula que saem as melhores ideias para os estudos da literatura. A questão é se estamos voltados para a escola e que sala de aula é esta que acessamos no cotidiano? Este trabalho trata do relato da minha presença na Oficina de Leitura Permanente da obra de João Ubaldo Ribeiro, do Projeto/Fapesb João Ubaldo da Baía de Todos os Santos e de todos os lugares. O retorno para uma escola de natureza pública em cidade de pequena população, Itaparica, mas nas cercanias da capital do estado, nas condições históricas em que se apresenta, é oportunidade para uma série de reflexões. Para tanto, me utilizo das ideias críticas de Antonio Candido, Edward Said, Regina Zilberman, Silviano Santiago, Luis Costa Lima, Roberto Schwarz, Jessé de Souza e outros.

Palavras-chave: João Ubaldo Ribeiro; Oficina Permanente de Leitura; escola; Estudos Literários.

**REPORT OF THE PERMANENT READING WORKSHOP OF THE PROJECT
JUR IN THE SCHOOL JOÃO UBALDO RIBEIRO: WHEN LITERARY
STUDIES GO TO THE CLASSROOM**

Abstract: Our major literary scholar Antonio Candido says that it is in the classroom that the best ideas of literary studies are born. The question is: are we by the side of the School and what classroom is this that the teacher lives/experiences everyday? This work is a report on my activities at the João Ubaldo Ribeiro's Permanent Reading Workshop /*Oficina Permanente de Leitura of João Ubaldo Ribeiro's books*, from the *Projeto/ Fapesb João Ubaldo Ribeiro da Baía de Todos os Santos e de todas os lugares*. My return to a Public School in a small city, Itaparica, near the capital of the State, in the historical conditions which it represents, is an opportunity that leads to many thoughts and ideas. To do so, the study is based on critic writings by Antonio Candido, Edward Said, Regina Zilberman, Silviano Santiago, Luis Costa Lima, Roberto Schwarz, Jessé de Souza and others.

Keywords: João Ubaldo Ribeiro; Permanent Reading Workshop; school; Literary Studies.

¹ Prof. Dr. da Universidade Estadual de Feira de Santana/ Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários/JUR/GELC. E-mail: adeitalopinho@gmail.com.

O problema para o intelectual é fazer com que nossas noções se relacionem com situações concretas, em que existe uma enorme distância entre o discurso de igualdade e justiça e a realidade bem menos edificante (SAID, 2005, p. 97).

Afinidades ao tema

A epígrafe do crítico palestino-norte-americano Edward Said (1935-2003) foi escolhida para demarcar o método e fundamentação do trabalho. É preciso deixar claro que tanto o método como a fundamentação, neste ponto de vista, não são mais dissociados de uma compreensão minha do mundo. Por isso, é necessário ampliar a denominação de estudioso da literatura ou da educação para a crítica da cultura. O termo é intelectual. Torno a uma citação de Michel Foucault:

O papel do intelectual não é mais o de se colocar um pouco na frente ou um pouco de lado para dizer a muda verdade de todos; é antes o de lutar contra as formas de poder exatamente onde ele é, ao mesmo tempo, o objeto de e o instrumento na ordem do saber, da ‘verdade’, ‘da consciência do discurso’. (apud MARGATO; GOMES, 2004, p. 9).

Justo Foucault que nos ensinou que precisamos aprender a ver não somente as grandes formas de poder, mas igualmente, as pequenas, cotidianas e massacrantes derivações dele. Na nossa sociedade, o poder consagrou-se nas formas mais insinuantes: império, invasão, colonização, mas é nas pequenas atuações que se garante a sua permanência, legitimação e renovação. Desde o cumprimento de regras para homens e para mulheres; condutas profissionais e saberes de alguém educado ou religioso. São proposições que se opõem entre si ou colocam as formas de gênero, etnia ou religiosas em oposição. Devemos, portanto, pensar em termos de tempo e de espaço, ou seja, de duração e de extensão das formas de poder. O filósofo francês põe em jogo o decisivo aprendizado de que, nessas formas pequenas, é primordial cultivar “a consciência do discurso”. Um desses pequenos lugares é a Escola. Outro interessante teórico da cultura contemporânea amplia ainda mais a complexidade do tema da Escola no qual nos aventuramos. Douglas Kellner, tendo como uma das bases as ideias do próprio Foucault, mapeia os lugares do discurso da modernidade:

Contudo, em certo sentido, a cultura da mídia é a cultura dominante hoje em dia; substituiu as formas de cultura mais elevadas como foco

da atenção e de impacto para grande número de pessoas. Além disso, suas formas visuais estão suplantando as formas da cultura livresca, exigindo novos tipos de conhecimento para decodificá-las. Ademais, a cultura veiculada pela mídia transformou-se numa força dominante de socialização; suas imagens e celebridade substituem a família, a escola e a Igreja como árbitros de gosto, valor e pensamento, produzindo novos modelos de identificação e imagens vibrantes de estilo, moda e comportamento. (KELLNER, 2001, p. 27).

Não há dúvida de que tal substituição causa desconforto nos envolvidos, tanto nos defensores quanto nos detratores. Cultura elevada, livresca, instituições como Família, Igreja e Escola perderam espaço no imaginário das pessoas para outros discursos, que são chamados pelo teórico norte-americano de cultura da mídia. O papel do intelectual, nesse estado cultural, exige deslocamento e novos métodos. Ele chega a atentar para uma nova estrutura de produção de conhecimento e formação profissional a partir de duas bases metodológicas: ampla e multidimensional. Em termos de sintomas, é dessa maneira que a cultura contemporânea predominante se organiza e atua.

A Escola, como o lugar de busca do conhecimento, sofre duramente as mutações sociais, pois os seus fatores de mudança são tradicionalmente mais lentos do que o ritmo praticado na contemporaneidade. Termos de interesse para a reflexão sobre a Escola são gosto, valor e pensamento. Como avaliar estes três indicadores de práticas sociais tão importantes hoje? Pelo que se sabe, os três são questionados na base do que se acostumou a denominar de público ou consumidor. Na prática teórica livresca, o leitor; do valor, a moda; do pensamento, a descartabilidade. Ou seja, mais e mais, pensar perde em profundidade e ganha em variedade e experimentação. Os indivíduos de uma sociedade preferem experimentar várias sensações do que absorver experiências de forma profunda. Por isso, até a espiritualidade também sofreu modificações visíveis no presente. Mais e mais Igrejas prometem um tipo de satisfação espiritual relacionado ao sucesso profissional e ao material.

Especificamente no que tange à Escola, trago outro exemplo na literatura, tanto sobre a prática intelectual quanto sobre a experiência escolar. Uma das mais antigas e célebres representações da educação literária no Brasil está no romance *O Ateneu* (1888), de Raul Pompeia (1863-1895). Ali podemos acessar o ponto de partida da forma de leitura escolar que o país consagrará nos séculos seguintes. O protagonista Sérgio narra, em suas memórias, como frequentava a literatura:

Esta frequência angariou-me dois amigos, dois saudosos amigos – Bento Alves e Júlio Verne.

Ao famoso contador do *Tour du monde* devo uma multidão numerosa dos amáveis fantasmas da primeira imaginação, excêntricos como Fogg, Paganel, Thomas Black, alegres como Joe, Passepartout, o negro Nab, nobres como Glenarvan, Letourneur, Paulina Barnett, atraentes como Aouda, Mary Grant. Sobre todos, grande como um semideus, barba nitente, luminosa como a neblina dos sonhos, o lendário Nemo da ilha Misteriosa, taciturno da lembrança das justiças de vingador, esperando que um cataclisma lhe cavasse um jazigo no seio do Oceano, seu vassalo, seu cúmplice, seu domínio, pátria sombria do expatriado.

Possuía minha literatura completa de tesouros de meninos, contos de *Schimidt*; visitara uma por uma no meu burrinho as feiras da sabedoria de *Simão de Nântua*; estudara profundamente pelas aventuras de *Gulliver* as vacilações da vida, onde, mal acabamos de zombar da pequenez extrema, vem sobre nós o ludíbrico da extrema grandeza, espécie de *Pascal* de mamadeira entre *Liliput* e *Brobdignak*; chegara à perfeição de duvidar das empresas de *Munchausen*. Isto tudo sem falar nos *Lusíadas* do Sanches, no reverendo Bernardes, na refinada pilhéria do *Bertoldo* e no *Testamento do Galo*, símbolo aliás muito filosófico da odiosidade das sucessões, que por ventura do herdeiro autoriza o destripamento do galináceo como a tortura *shakespeariana* de *Lear*.

Júlio Verne foi festejado como um milagre de novidade. Onde quer que me levasse o *Forward* e o *Duncan*, o *Nautilus* ou o balão *Vitória*, a columbíada da Flórida ou criptograma de Saknussen, lá ia eu, esfaimado de desenlaces, prazenteiro, ávido como os três dias de Colombo antes da América, respirando no cheiro das encadernações as variantes climáticas da leitura, desde as areias africanas até aos campos de cristal do Ártico, desde os grandes frios siderais até à aventura do Stromboli (POMPÉIA, 1993, p. 106).

Há na experiência de leitura literária enriquecimento pessoal e acumulação de conhecimentos, imagens, posturas e opiniões que serão alicerces existenciais e morais do adulto que relata. Toda a narrativa é desencantada, mas a literatura cristaliza algo em diferença. Para começo de conversa, temos uma história da literatura e da leitura em síntese. O tesouro da juventude é uma plêiade de peripécias e de aventuras. Aos títulos e personagens lembrados pelo narrador, obviamente faltam todos aqueles que vieram depois ou foram traduzidos bem à época, como o *Moby Dick* (1851) e seu obsessivo capitão Ahab, os terrores sedutores do *Conde Drácula* (1897) e do monstro *Frankenstein* (1818). Alçados a quase divindades no mundo da cultura da mídia dita acima por Kellner. Outro aspecto chama a atenção no longo relato de leitura do nosso leitor do *Ateneu*: a leitura e os personagens formaram um espaço afetivo de companhia. O que foi escrito transforma-se em amigos, confidentes, conselheiros da criança e do adolescente. A literatura exerce um papel de formação e de proteção junto a um mundo belicoso, lotado de armadilhas e dissabores. O que a literatura promete cumprir como

missão, à qual o leitor ávido é convocado a acompanhar, repete-se na vida cotidiana dos indivíduos na difícil tarefa de crescer, tornar-se homem, cidadão, brasileiro.

Atentemos também para o cosmopolitismo explicitado na narrativa. Aqueles personagens ficcionais frequentadores do mundo da alta cultura, como nos diz Kellner, também estão acostumados, portanto, nos familiarizam às visitas aos confins do mundo, às lendas, aos orientes misteriosos. É dessa experiência que nascem, talvez, as ideias e teorias que modificam as linhagens de pensamento mais contemporâneas, como as de Michel Foucault, ou de Edward Said, ou de Silviano Santiago. A literatura é capaz de esgarçar a geografia do mundo até as cercanias dos nossos pés. Em se tratando da nossa experiência, Bahia, Ilha de Itaparica, somos também aquela ilha onde Robinson Crusóé (1719) (dir-se-á também se tratar da Ilha de Fernando de Noronha) aportou com seu amigo Sexta-Feira. O mundo torna-se maior conosco e a partir de nós. Se essa percepção é difícil com os compêndios teóricos à nossa disposição, para a literatura é lugar comum, pois Nemo e seu Nautilus estão equipados para as travessias teóricas e imaginárias mais tortuosas.

Não se pode esquecer de mencionar, sobre o leitor Sérgio de *O Ateneu*, o fato de a leitura de literatura praticada por ele ser dividida em permitida e proibida pela instituição educacional à qual pertencia. Para a literatura, a prática da proibição causava sérias e positivas consequências, pois o perigo do castigo somava-se aos sentimentos já liberados pela prática da leitura. Ou seja, para certos objetos culturais, proibir fazia o desejo da experimentação ainda mais irresistível. Se há elementos de funcionamento da literatura e da arte, este é um deles. A Escola, como instituição no Brasil, criou uma relação ambígua com a literatura. Isso é algo de difícil resgate na metodologia social do século XIX, essa relação analisada em trabalho anterior (PINHO, 2013) e que foi acertadamente chamado à atenção pelo teórico francês Louis Althusser: *Aparelho Repressivo de Estado* (2003). Como fenômeno oscilante entre dominação e elevação — origem de castigo e premiação — o cultivo da leitura de literatura não parece constituir um discurso sólido para além das problemáticas sociais por que sempre passa o país. Ou seja, as convicções oscilantes para o projeto de sermos ou não o país grande do futuro, de porvir e glória muitas vezes cantada, também repetem-se na tomada prática da literatura. Refiro-me aqui também ao cultivo de livrarias, aos direitos do autor e à sua sobrevivência como profissional das letras, ao surgimento da universidade e dos cursos de Letras. O cultivo da arte, que em muitas nações simplesmente é importante, primeiro

deve ser muito bem e cuidadosamente avaliado por nós para não conter uma armadilha de frustrações e punições. Trago uma imagem para o fenômeno: como um brinquedo que de repente pode provocar queimaduras e experiências dolorosas na criança que o manipula. Tal sensação pode ser transferida para a aquisição do conhecimento, da leitura e ao acesso à própria Escola. Basta lembrar que o Ateneu termina incendiado, como se houvesse a necessidade, na memória do Sérgio adulto, de recomeçarmos os nossos projetos educacionais em pleno século XIX no Brasil.

Após esta longa digressão de aproximação dos fenômenos do intelectual, da literatura e da leitura, podemos chegar mais confortáveis ao relato da Oficina Permanente de Leitura do Projeto João Ubaldo Ribeiro da Ilha de Itaparica e de Todas as Baías. Este projeto multi-institucional (IFBA, UEFS, UNEB) começou em 2012, com duas pretensões principais: a formação do Centro de Pesquisa da Obra de João Ubaldo Ribeiro em Itaparica e a criação do Núcleo Permanente de Leitura na obra do romancista baiano. O projeto conta com quase vinte pesquisadores, entre doutores, doutorandos, mestres, mestrandos e bolsistas de Iniciação Científica provindos das três instituições. O núcleo central de pesquisa tem como membros a Profa. Dra. Maria da Conceição Pinheiro Araújo (IFBA), coordenadora do projeto, e eu, Prof. Dr. Adeíto Manoel Pinho (UEFS). O Núcleo Permanente de Leitura foi finalmente instalado no Colégio Estadual de mesmo nome do autor: o CEJUR. Já o Centro de Pesquisa, apesar de o projeto ter produzido resultados exitosos, ainda não conseguiu ser implantado satisfatoriamente.

Passamos por algumas fases de divulgação e instalação do projeto até inesperadas. A forma como o autor é de fato reconhecido na comunidade chama a atenção em dois momentos. No primeiro, pela informalidade e afetividade como ele fixou-se no imaginário das pessoas, quase sem precisar de leitura da obra: sabe-se histórias sobre ele e isto basta, e ele sabe histórias sobre Itaparica. Ao que parece, tal relação impede certas implicações ou compreensão da ação política do intelectual João Ubaldo Ribeiro na sua cidade. Algumas vezes, e pela condição de leitura dos alunos, ler não era a prioridade. No segundo momento, o fato de ser consagrado dava a ideia equivocada de que era um autor do passado, com busto na praça, vindo de outro tempo (havia esse tipo de depoimento entre os residentes) ou simplesmente não estava mais em produção. Nisto, notamos que ainda havia a necessidade de nosso projeto atuar sobre a condição de autor contemporâneo, vivo (até aquele momento) e próximo até do feito de

conquistar o Prêmio Nobel de Literatura. Ele havia conquistado o maior prêmio da literatura em língua portuguesa fazia pouco tempo: o Prêmio Camões. De fato, uma coisa era trabalhar um autor de literatura, outra era fazer um projeto com todos os enlaces com a cultura e a comunidade de seu enraizamento. Os Estudos Literários estavam finalmente apresentados à pesquisa empírica. Um tipo de pesquisa dinâmica, com metodologias inesperadas e reações que poderiam ser avaliadas enquanto estavam acontecendo.

Vamos ao relato:

Data: 20 de outubro de 2014

As atividades foram realizadas na turma da 6ª Série B. Turno matutino. Membros do Grupo de Pesquisa JUR que realizaram a atividade: Conceição, Adeíto e Sariane.

A etapa de atividades consistia na produção do texto a partir das leituras de romance ou romances de João Ubaldo Ribeiro levadas a cabo pelos alunos no decorrer do ano. Todas as ações foram realizadas segundo o Cronograma de Atividades constantes do Diário de Leitura dos alunos. Foi informado aos estudantes que os melhores textos fariam parte de um livro “Coletânea de Textos dos Alunos da Escola sobre a obra de João Ubaldo Ribeiro”.

A estratégia para o alcance da atividade de produção escrita foi a formação de grupos de alunos, para que os membros do projeto pudessem circular entre os grupos, evitando a dispersão dos discentes e proporcionando maior eficiência nas instruções sobre como escrever o texto. Como a literatura exige atenção, a orientação seria mais pessoal, possibilitando maior avaliação das reações de cada estudante frente ao texto que leu, se leu todo o livro, se compreendeu ou somente realizou a tarefa automaticamente.

Detectamos alunos que leram mais de um livro e outros que pouco leram ou compreenderam o livro que escolheram. Ao que parece, isso dependeu do nível de maturidade de cada um. Mesmo assim, insistimos para que fizessem a atividade. Os argumentos de persuasão eram a oportunidade de fazer parte também de um livro. Poderiam falar, assim como o autor, do lugar onde moravam, das pessoas mais queridas.

Um dos livros lidos era *Dez bons conselhos de meu pai* (2011). Sendo assim, foi sugerido a eles que falassem sobre os conselhos dos pais ou de pessoas queridas. Outro livro lido foi *O feitiço da ilha do pavão* (1997). Perguntamos se aquela era a ilha em que eles moravam ou outra. Se era, que outros elementos da sua ilha eles colocariam em um texto? E assim eles foram realizando as atividades. Sugerimos que o texto fosse interessante para quem o lesse e que despertasse a vontade e curiosidade para ser lido até o fim. Eles pensaram em textos românticos, de aventura, de lições de sabedoria etc.

Percebemos que aspectos como a dispersão, a falta de intimidade com a atividade escrita e a atividade criativa de escrita dificultavam muito a produção e facilitavam a dispersão para conversas, saídas para o corredor etc. Tais dificuldades devem ser compensadas com uma atenção muito grande dos condutores das atividades. É importante fazer leitura do que cada aluno comunica de suas próprias experiências: linguagem, agressividade, atenção aos aparelhos celulares, fones de ouvidos etc.

Obviamente, é um privilégio ter três indivíduos numa realização de atividade pedagógica. E esse deve ter sido um dos motivos do êxito dos trabalhos daquele dia. Mas é preciso que projetos como esses sigam em frente para que mais turmas tenham oportunidade, mesmo que o restante da comunidade escolar, professores e diretores, criem dificuldade para a sua realização. Muitas vezes, tais obstáculos nascem da incompreensão do projeto ou da pouca intimidade também com o ato da leitura.

Ao final, a maioria da turma realizou a atividade escrita. Mesmo alunos que os colegas diziam que não fariam nada. Ou seja, o núcleo de leitura pode surpreender, nas suas etapas de produção, até mesmo aos alunos envolvidos, trazendo-os para o papel de escritores.

Críticas e sugestões

De fato, para um professor universitário, é muito bom retornar a esse tipo de atuação em escola de nível fundamental e colegial. Tanto porque é preciso não perder esse contato com a realidade fonte da formação dos professores no nível universitário, como também pela formação especializada a que nos submetemos por toda a nossa carreira, não devemos nos desprender deste paradigma escolar. Ali estão os interessados no tipo de conhecimento que refletimos e, muitas vezes, defendemos em grupos de estudos específicos e debates em conselhos, associações, agências nacionais e eventos.

Muitas vezes dizemos que precisamos criticar ou salvar uma certa instituição chamada Escola. Mas o que é mesmo esta Escola? Em vista dela, que escola ela é e que tipo de crítica ou salvamento desejamos. Sem estarmos lá, seja em projetos ou no Núcleo Permanente de Leitura João Ubaldo Ribeiro, podemos estar nos referindo a uma ilusão. Por consequência, tornamos-nos também essa ilusão. Obviamente, como uma ilusão muito bem construída e, por ventura, consolidada, ela resiste a ser devassada ou revelada. Assim há obstáculos e resistências a esse olhar diretamente no fenômeno, no acontecimento, como diz Paul Ricoeur (1983).

A fala geral do professor

Percebi que a fala impessoal do professor, quando se dirige para toda a turma, parece aspecto que dificulta a realização da atividade. Essa estratégia de comunicação serve quando há silêncio suficiente, conforto e atenção voltada para quem está falando. Isso só se consegue com uma dose de intimidade. O professor é obrigado a aumentar a sua voz, trazendo um pouco de agressividade para a instrução. Lembremos que o trabalho com a literatura somente dá certo quando está aliado a certa produção de prazer. Raramente se faz prazer com agressividade.

Por isso, o trabalho com os grupos, quando se fala dirigindo-se a um grupo pequeno ou a um aluno individualmente, pode fazer com que a comunicação se realize. Dúvidas são tiradas. Aquela ilusão de que falei antes começa a ser decifrada. Muitas vezes, a formação docente ainda vem com resquícios de uma época em que a autoridade do professor estava integrada a certos códigos de conduta, respeito e visão social específicos. O professor tinha a imagem associada a de um pai. E a relação com os alunos não dependia somente do conhecimento importantíssimo que seria capaz de transmitir, mas da relação de educação e respeito que poderia inspirar. Antes de se formar para habilidades específicas integradas aos conhecimentos disciplinares que dão esteio aos profissionais do futuro, formava-se o cidadão. E, para o exercício da cidadania, era essencial o respeito, a obediência e a ordem. Noções de hierarquia não poderiam ser questionadas. As punições eram severas. Tais relacionamentos, visões e imaginações se perderam a partir do momento em que foram colocadas na esfera semântica de conservadoras, não sem razão.

Ao que parece, perderam-se até no que se refere aos pais e mães de família e seus filhos. Todos precisam construir pontes afetivas e de respeito acopladas aos seus modos de vida cada vez mais complexos na contemporaneidade. Não há dúvida de que a sociedade está muito mais multicultural hoje do que no passado. E esse fato exige superação de ações consagradas em outras épocas e repudiadas atualmente na forma de violência e no tratamento da criança e do adolescente como um adulto pequeno. Juntamente com isso, temos uma nova relação professor/aluno em sala de aula. A literatura, que sempre foi insolente e vadia, como nos afirma Roger Chartier (1945) em *A Ordem dos Livros* (1994), que sempre reagiu a certas propostas de controle, não se aplica a pedagogias e avaliações. Por isso, busca-se o prazer pelo texto no trabalho em sala de aula: eis o nosso desafio.

Quem são os alunos

O trabalho em sala de aula faz com que nos interessemos pelos alunos. Qual a sua história? De onde vêm? A literatura é feita dessas e de outras perguntas. Quando fazemos uma atividade de literatura, somos obrigados a nos aproximar da humanidade de cada um, pelo fator de sensibilidade que a literatura obriga a ser produzido por nós e pelos leitores. Também vi que o Núcleo possibilita esse tipo de comunicação na Escola, fazendo-nos pensar em modelos de formação de leitura (se existir outra etapa do projeto, poderíamos envolver os pais dos alunos no projeto de leitura; os livros poderiam ir para casa; poderiam ser, de fato, consumidos pelos leitores etc). Do contrário, como saber e pensar a literatura sem percorrer esse caminho de confronto de conhecimento de nós mesmos e do outro?

Para início de uma conclusão

Utilizo as palavras de Antonio Candido (1989, p. 6), nosso crítico maior, ao falar do seu grande livro de ensaios *Na sala de aula* – cadernos de análise literária:

Tenho consciência de que o tipo de trabalho apresentado aqui se ajusta melhor à sala de aula, onde tudo ganha mais clareza devido aos recursos do gesto e da palavra falada, com o auxílio do fiel quadro-negro e seu giz de cor. Reduzido à escrita, as análises perdem força; mas creio que ainda assim podem valer registro dum tipo de ensino, e eventual ponto de apoio para professores e estudantes.

De fato, sala de aula ainda é o lugar onde os tempos podem se encontrar unidos através da paixão pela literatura. Nesse espaço de paixões, o escrito jamais envelhece. Como nos diz o crítico ítalo-cubano Ítalo Calvino (1990), eis o motivo para a existência dos clássicos. Eles são atemporais, não sendo colhidos pela passagem do tempo, pois ao final, há o humano e seus anseios, desejos e ansiedade, em todos os tempos. Sempre há um herói a desejar retornar para casa em algum tempo, à procura da sua Penélope: a rainha ardilosa assediada por muitos pretendentes ilegítimos. Sempre estaremos interessados em tomar conhecimento dos ardis de uma Penélope, a rainha que, após prometer que, quando concluísse uma tapeçaria, escolheria um dos pretendentes para novo rei de Ítaca, fiava o tapete durante o dia e o desfiava durante a noite. Nós, junto a ela, sempre torceremos para que o querido rei retorne antes da descoberta do ardil. Posso confessar que o livro referido acima, *A Odisseia*, foi lido (em ritmo de assalto!) por mim num ginásio não muito diferente do Colégio ao qual retornei no ano de 2014. A experiência no CEJUR também interfere em minha memória.

Via de mão dupla, os estudos literários irem à Escola pode proporcionar experiências edificantes para pensar a literatura. Ir aos estudos literários pode proporcionar à Escola a fina clareza de tudo, pelo empenho do gesto e da palavra falada, de que fala Candido. Além do mais, para aqueles que acreditam na força avassaladora dos tempos escolares apocalípticos, retorno a Said: sejamos intelectuais.

Referências

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de Estado**: nota sobre os aparelhos de Estado. Tradução Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Graal, 2003. (Col. Biblioteca de ciências Sociais, 25).

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. 2. ed. Tradução de Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CANDIDO, Antônio. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 1989.

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros**: leitores, autores e bibliotecas na Europa. Tradução de Mary Del Priore. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**. Estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

MARGATO, Isabel; GOMES, Renato Cordeiro (Org.). **O papel do intelectual hoje**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004.

PINHO, Adeíto Manoel. Ficção e memória educacional brasileira em *O Ateneu*. **Plurais**: Revista Multidisciplinar da UNEB, v. 4, p. 83-105, 2013.

POMPÉIA, Raul. **O Ateneu**. Apuração do texto em confronto com o original e introdução por Therezinha Bartholo, ilustrações do autor. 9. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993.

RICOEUR, Paul. **Metáfora viva**. Tradução Joaquim Torres Costa e Antonio M. Magalhães. Porto: Rés, 1983.

SAID, Edward. **Representações do intelectual** – as conferências Reith de 1993. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.